

Padre Faria

O padre João de Faria Fialho nasceu em São Sebastião, do Estado de S. Paulo, nos meados do século XVII. Pertencia a uma importante família paulista, de conhecida nobreza. Era irmão de Antonio de Faria Sodré, cunhado de Antonio Gonçalves Vianna e tio de Miguel de Faria Sodré, que foi um dos fundadores de Pitangui, onde soube estabelecer um grande nome, por suas virtudes e honradez, com grandes lavras de mineração, e ahí exerceu, em 1720, o cargo de juiz ordinario.

Diz PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, que o padre Faria foi um dos fundadores de Pindamonhangaba e da sua igreja matriz, a que deixou patrimonio; mas, numa publicação da *Provincia de São Paulo*, recentemente confirmada pelo dr. João ROMEIRO, allega-se que nada disto consta nos livros do tombo, nem em qualquer documento historico. O relatório da Comissão de Estatística (1886), acompanha a opinião daquelle genealogista, dizendo que Pindamonhangaba fôra fundada, em fins do século XVII, pelo padre Faria, que nella edificou igreja.

Em 1705 foi enviado por D. Francisco de S. Jeronymo, bispo do Rio de Janeiro, no caracter de vigário, para Ouro Preto, em cujas Serras descobriu ouro juntamente com Antonio Dias, Francisco Bueno e outros paulistas, em 1699. Um bairro de Ouro Preto, onde se edificaram as primeiras casas da velha capital, tomou o nome de *Padre Faria*, por que é ainda conhecido heje.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA, no poema *Villa Rica*, canto II, assim se refere a este sacerdote:

« Rompe o silencio o pródigo Faria:
 — Eu dos primeiros fui; eu fui, — dizia, --
 Dos primeiros, que o berço abandonado
 Deixei, mais de fervor estimulado
 De reduzir os indios á justiça
 Da nossa religião, que da cobiça.

Entre estes paizes e inda noto
 Em cada tronco os pousos, onde rôto
 O vestido, tentei passando avante
 O giro dos sertões, de bem distante
 Parte dos grossos matos descobria
 Uma elevada e tósca penedia 1,
 A quem corôa um píeo a altiva fronte.
 Demandei esta rocha e do eminente
 De toda ella um ribeiro vi, que nasce,
 Que do sol recolhendo dentro a face
 Pareceu converter-se todo em oiro. »

A seu respeito lê-se também no *Almanack literario de São Paulo*, 1879 :

« Resam as chronicas e a tradição oral de Ouro Preto que ha cousa de quasi dois seculos chegou áquella localidade um padre, talvez da Companhia de Jesus, de nome João de Faria Fialho, que andava sempre munido de um vara pau, o qual duplamente lhe servia de arma de defesa contra os animaes d'anninhos e reptis venenosos e de arma de castigo com a qual restabelecia a concordia entre os barulhentos, que disputavam a posse do ouro e outros objectos, pedindo esmola para construir uma capella onde pudesse desempenhar as funcções de seu santo ministerio. Conta-se que em uma occasião que elle prégava aos fieis para o auxiliarem, um assistente incredulo comprazia-se em particularmente combater as idéas e os pedidos do padre, mas que certo ponto da oração do missionario tanto impressionou-o e commoveu-o, que deu-lhe todo quanto dinheiro levava. E' sobre isto que versa a lenda seguinte :

« Pregava o padre Faria,
 E logo ficou patente,
 Que o sermão acabaria
 Pedindo dinheiro á gente.

Eu tal commigo dizendo:
 — Não creio em taes artimanhas :
 Fala p'ra ali, reverendo,
 Que nem um vintem no apenhas.

Meu bolso estava repleto
 De cobre, de prata e ouro,
 E era com bom affecto
 Que eu guardava o meu thesouro.

A' medida que o sermão
 Se ia desenvolvendo,
 A minha resolução
 Pouco a pouco ia cedendo.

(1) O Herculano.

Fiquei, por fim, commovido
 Com a pintura do pobre,
 E estava já resolvido
 A dar-lhe todo o meu cobre.

Novo rasgo de eloquencia
 Fulgiu do padre na boca,
 E envergonhou-me a consciencia
 De ofertar cousa tão pouca.

Dessa eloquencia era fogo
 De uma caridade exacta ;
 Resolvi-me desde logo
 A dar-lhe também a prata.

Emfim, na peroração,
 Mostrou tal primor e estudo,
 Que dei-lhe de coração
 Cobre, prata, ouro e tudo. »

No *Compendio das épocas da capitania de Minas Geraes*, se vê que em 1705 o reverendo bispo do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, D. Francisco de São Jeronymo, enviou no caracter de vigarios para o arraial de Ouro Preto, Antonio Dias, padre Faria e padre Manoel de Crasto.

MILLIET DE SAINT ADOLPHE, no *Diccionario geographico e historico do Brazil*, escreve que « Antonio Dias, taubateno, o padre João de Faria, natural da ilha de São Sebastião, e os paulistas Thomaz Lopes de Camargo e Francisco Bueno da Silva foram os primeiros que, em 1699 e nos annos seguintes, se estabeleceram nas margens de varios riberios da serra de Ouro Preto », e que este nome lhe fôra dado « pela côr escura do ouro que em seus riberios colheram os sertanistas Antonio Dias, Thomaz Lopes de Camargo, Francisco Bueno da Silva e João de Faria Fialho, quando no decurso do anno de 1700, assentaram morada nos montes vizinhos. »

Estes factos são confirmados por outros escriptores, um dos quaes accrescenta que, na expedição de 1693 ou 1694, ás regiões do alto Sapucahi e Rio Grande, o padre fôra acompanhado por Manoel de Borba, seu cunhado Antonio Gonçalves Vianna e Pedro de Avos.

E' tudo quanto pude colligir a respeito deste vulto legendario de nossa historia, digno sem duvida de um estudo mais demorado, que a deficiencia de elementos me não permite emprender.

Casa Branca (S. Paulo), 30 — VIII — 1901.

LAFAYETTE DE TOLEDO.

Correspondente do Archivo Publico Mineiro.